

A atualidade da luta de classes nos Estados Unidos*

*Samuel Holder***

Resumo:

A campanha de preparação da guerra no Iraque feita pela administração Bush provocou inquietação no mundo inteiro. A partir do estouro da bolha especulativa das ações da nova economia e do atentado do 11 de setembro de 2001, a resposta econômica e bélica da primeira potência imperialista apareceu, como nunca, uma ameaça para a humanidade.

Mas um antiimperialismo que se reduziria essencialmente a uma forma de antiamericanismo seria uma armadilha. Seria facilitar os planos da burguesia americana de conceber a população dos Estados Unidos como um todo, nacionalista e reacionária, docilmente enfileirada atrás de seus dirigentes, com exceção de um punhado de intelectuais de esquerda.

Antiamericanismo ou antiimperialismo? A “outra América” responde

A atualidade mais imediata desmente a unanimidade. Está nascendo um movimento antiguerra com a iniciativa de um coletivo chamado *Not in our name* (Não em nosso nome)¹. Durante o final de semana de 5 a 6 de outubro de 2002, um ano depois do início da guerra no Afeganistão, dezenas de milhares de pessoas fizeram manifestações contra o projeto de guerra no Iraque em cerca de trinta grandes cidades. Uma mobilização dos estivadores bloqueou durante vários dias as 29 portas da costa Oeste dos Estados Unidos. Após o *lock-out*² dos patrões, Bush decidiu impedir os estivadores de voltar ao trabalho durante 80 dias. Ele recorreu à lei Taft-Hartley, de 1947³.

Não se trata de exagerar a abrangência de tais fatos, mas de constatar dois fenômenos importantes: 1) se considerarmos as recentes pesquisas, veremos que a população americana se sente cada vez menos decidida a apoiar Bush nos seus projetos de guerra. Uma fração da juventude estudantil tem mostrado hostilidade à guerra. 2) o pretexto da “cruzada antiterrorista” não consegue impedir que setores do mundo do trabalho recorram à luta coletiva para defender seus interesses. Além do movimento dos estivadores, assinalamos a forte mobilização, durante várias

* Artigo publicado inicialmente na revista *Carré rouge*, nº. 23, em outubro de 2002. Traduzido do francês por Renata Gonçalves, membro do NEILS.

** Membro do comitê de redação da revista *Carré Rouge*, editada em Paris; e responsável pelo sítio web *Cultura e Revolução*: <http://culture.revolution.free.fr>

¹ Consultar o sítio: www.nion.us.

² Artificio de um empregador que se recusa a admitir os trabalhadores em seus cargos. Não são os empregados que não querem trabalhar; é o empregador que não os deixa entrar.

³ Jimmy Carter aplicou esta lei contra os mineiros do carvão, cuja greve durou 110 dias (de dezembro de 1977 a março de 1978).

semanas, notadamente em Boston, dos *janitors*, alocados como vigias, porteiros, zeladores e faxineiros de grandes edifícios⁴.

Estereótipos e realidades sociais

É impossível precisar as complexas e contraditórias tendências que afetam um corpo social de 285 milhões de habitantes. Além disso, o quadro que se tinha da sociedade americana há dois anos, foi modificado atualmente pelo movimento de uma economia em recessão. A isto se agrega a intervenção de um Estado hipertrofiado que dispõe de fundos consideráveis para, em parte, mascarar as falhas dessa economia, à custa de subvenções para fins protecionistas, sobretudo nos setores do aço e da agricultura; de refluxos de grupos em falência, tais como as companhias aéreas; de encomendas massivas, principalmente nas indústrias ligadas ao armamento.

No início de setembro de 2001, no momento em que as somas anunciadas pelas grandes firmas eram calamitosas, o atentado contra as *Twins Towers* ofereceu para a burguesia americana a oportunidade de reforçar seu arsenal repressivo contra seus próprios cidadãos, antes de tudo contra os trabalhadores e aqueles e aquelas que contestam sua dominação. Ela aproveitou a ocasião para injetar uma forte dose de patriotismo em toda a sociedade e para submeter as classes populares à sacrifícios em nome da defesa de “nossos valores”. Estes valores só poderiam ser fictícios, mas nos planos da “Moral”, da “Liberdade” e da “Nação”. Para defender com eficácia os interesses do capitalismo americano, os dirigentes dos Estados Unidos precisaram recrutar ideologicamente todas as classes sociais. Com esse objetivo, precisaram dissolvê-las em agrupamentos míticos: os Estados Unidos, eixo do Bem e “país livre”, “país das oportunidades” oferecidas a todos, o Povo americano constituindo uma Nação unida e democrática por excelência.

O mito de uma sociedade sem classes

O grande capital zela meticulosamente pelas informações e imagens difundidas pelos meios de comunicação que possui e controla. Em tempos de crise, as nuances entre os formadores de opinião têm de ser atenuadas. O objetivo é que o máximo de indivíduos, de todas as classes confundidas, tenha uma visão padronizada, comum, de todos os problemas, em consonância com os interesses da classe dirigente. Os canais de televisão devem produzir um *prêt à penser* tão rigorosamente idêntico como pode ser um *cheese burger* a um outro *cheese burger*. O princípio da “democracia” americana e da eficácia de sua economia é que um máximo de pessoas pense e consuma a mesma coisa, seja soldada pela mesma ideologia, pelas mesmas práticas sociais para satisfazer suas necessidades essenciais.

A burguesia desenvolveu meios consideráveis para sufocar qualquer possibilidade de consciência de classe e para propagar o mito de uma sociedade democrática e igualitária. Os jornalistas podem até investigar e exhibir traços espetaculares sobre os mais ricos ou os mais pobres. Ideologicamente, isso não

⁴ Consultar o sítio: www.jwj.org

tem nada de inconveniente e não pode desestabilizar o sistema. Sempre é possível mostrar um punhado de pobres que conseguiram enriquecer. Quanto aos pobres desclassificados, descontentes com seus destinos, o sistema, em seu conjunto, é suficientemente maduro para enquadrá-los na categoria de reais ou supostos delinquentes. Foi assim que as autoridades encarceraram 2% da população ativa. Uma parcela dos prisioneiros trabalha para ganhar um salário de 25 centavos a 1,15 dólar por hora! A este preço, é viva a concorrência entre as empresas para fazer contratos com organismos ligados às prisões federais ou às dos Estados. Os afro-americanos, particularmente os jovens, são grande maioria nas prisões e nos circuitos da justiça criminal. O poder instaura nos fatos e nos espíritos dos “cidadãos respeitáveis” (leia-se brancos) uma fronteira ao mesmo tempo social e racial com a população dos guetos, a mais pobre e a mais desprezada (Wacquant: 1999; 2001).

Quem construiu a América?

A história dos Estados Unidos é de numerosas lutas sociais que freqüentemente tiveram uma característica grandiosa. As revoltas dos escravos negros e a guerra de Secessão no século XIX, o movimento pelos direitos civis dos anos 1950-1970, as lutas radicais dos negros pela emancipação, a dos estudantes contra a guerra do Vietnã contribuíram para o progresso do conjunto da sociedade americana, apesar da burguesia ter sido a principal beneficiária. As grandes lutas da classe operária americana, desde suas origens, contribuíram fundamentalmente na moldagem dos Estados Unidos num sentido progressista e democrático; e isto de modo quase ininterrupto há 140 anos⁵. Esse país que, como dizia o escritor Herman Melville, é mais um mundo do que uma nação, tornou-se, assim, um espaço e uma sociedade atraente para milhões de pessoas vindas de todos os continentes. O dinamismo e a criatividade artística, tecnológica e científica dos Estados Unidos provêm do fato de serem um país de imigrantes, de trabalhadores, que gastaram sua energia em todas as direções. Não há arranhacéus, jazz, cinema, homens pisando na lua sem eles. Não há uma única conquista social que não tenha sido arrancada por eles em grande luta. Foram eles que construíram a América⁶.

É sintomático da consciência de classe da burguesia americana, ou pelo menos de seu instinto de classe, que tenha investido grandes recursos para que seu proletariado fosse invisível e mudo, para que a história de suas lutas se apagasse da memória dos trabalhadores e das jovens gerações. É bastante significativo que os Estados Unidos sejam o único país no mundo onde o 1º. de Maio não é comemorado com manifestações.⁷

A riqueza esquecida e escondida do movimento operário

⁵ Ver *Who built America?* (dois tomos). Obra coletiva da *American Social History Project* (1992).

⁶ Ver Guérin (1968; 1973).

⁷ Data precisamente escolhida pelo movimento internacional em homenagem aos oito trabalhadores enforcados após violentos confrontos com a polícia em Haymarket, Chicago, no dia 4 de maio de 1886.

O proletariado americano é como um gigante que, apesar dos severos golpes que sempre recebeu, sempre se ergueu de maneira inesperada, como uma força ameaçadora. O fato de numerosas greves serem acompanhadas, em qualquer época, de apelos aos fura-greves e de uma repressão sangrenta, freqüentemente com a morte de vários grevistas, jamais provocou recuos de longa duração. Na verdade, foi o peso das burocracias sindicais, das suas traições, do papel do stalinismo e das fraquezas internas ao movimento operário que deram o tom em vários momentos.

Olhando do lado de cá da América, é difícil imaginar o que fez a riqueza de experiências e heroísmos do movimento americano. *A fortiori* é impossível avaliar o que se transmitiu até hoje destas exaltadas, mas também amargas experiências⁸. Tratavam-se de organizadores sem igual de grandes greves, de sindicatos abertos a todos, homens e mulheres, operários sem qualificação, negros e brancos, imigrantes recém-chegados ao país. Ainda hoje, o que seus militantes realizaram só pode inspirar todos aqueles que, nos Estados Unidos ou fora dele, concretamente se preocupam em intervir no seio da classe operária com um projeto revolucionário e internacionalista de transformação da sociedade.

O movimento operário americano adquiriu um caráter bastante ofensivo alguns anos depois da crise de 1929, por meio de três grandes greves em 1934: a dos *Auto-Lite*, em Toledo; a dos Caminhoneiros, em Minneapolis; a dos Marinheiros e Estivadores de São Francisco⁹. Mas o caráter massivo desse movimento surgiu com as greves e a ocupação de 1937 que, segundo Art Preis (1982), atingiram 1.861.000 trabalhadores. Sabe-se pouco sobre as greves que eclodiram nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e que 3.470.000 trabalhadores fizeram greve em 1945 e que, em 1946, foram 4.600.000! Nos dois anos do pós-guerra aconteceram também manifestações de soldados americanos em Manille, em Guam e em Paris, exigindo sua retirada.

Porém, quanto mais a classe operária ganhava força nas greves, mais as suas potencialidades políticas iam estiolar-se e quase desaparecer ao longo da Guerra Fria. A perspectiva de fazer emergir um *Labor Party*, um partido dos trabalhadores autônomo apresentou-se em vários momentos do século XX, mas sempre foi minada pelas manobras dos stalinistas e dos burocratas sindicais ligados ao Partido Democrata. Os anos do Macartismo foram de guerra contra todos os militantes operários radicais. Os comunistas, os trotskistas e todos aqueles reputados como tais foram eliminados da direção dos sindicatos, freqüentemente despedidos e colocados em uma lista negra. Todavia, nas grandes mobilizações dos anos 1960 e 1970, puderam desempenhar seu papel contra a guerra do Vietnã e de apoio à revolução cubana.

No plano das reivindicações, um importante recuo da classe operária se produziu em seguida. Pode-se datar esse recuo a partir das concessões

⁸ Ver um magnífico testemunho de uma das pioneiras do movimento operário do fim do século XIX e do início do século XX: Mary Jones, mais conhecida como *Mother Jones* (1977). Ver também Flynn (1976); Haywood (1974; 1985); Cannon (1980); Jackson (2001 e notas de leitura na página www.culture.revolution.free.fr).

⁹ Sobre o Movimento dos Caminhoneiros dirigido pelos militantes trotskistas ver Dobbs (1981a; 1981b).

(particularmente, salariais) impostas aos trabalhadores da Crysler em 1979 e 1980, sob a presidência de Carter e, sobretudo, a partir de 1981, quando Reagan demitiu 11.500 controladores aéreos que estavam em greve. Desde então, lutas importantes eclodiram, como a greve na Caterpillar, que durou 205 dias, em 1982 e 1983, mas estas não permitiram reconquistar o terreno perdido. Paralelamente a este recuo, o avanço da ideologia liberal e o enriquecimento financeiro de setores das classes médias fizeram recuar as idéias na academia. O alcance da campanha *Not in Our Name* e sua repercussão nas universidades ganham ali toda sua importância.

Retorno a uma “revolta social híbrida”

Em 1991, Georges Bush sênior, diante de um grupo de estudantes da Universidade de Michigan, declarou: “nós nos tornamos o sistema mais igualitário da história e um dos mais harmoniosos”. Alguns meses mais tarde, em 29 de abril de 1992, estourou um motim em Los Angeles, após a absolvição de policiais que esbordoaram de maneira selvagem um condutor negro que havia cometido uma infração. Esse motim durou uma semana. Supermercados foram saqueados por pobres de todas as origens. Comerciantes coreanos foram massacrados por amotinados negros. A repressão policial foi particularmente feroz. Esse motim, que foi um dos mais terríveis da história dos Estados Unidos, deixou 58 mortos e 2.300 feridos. O motim da primavera de 1992, em Los Angeles, segundo a expressão do crítico sociólogo Mike Davis (2000), foi “uma revolta social híbrida”, expressando cóleras e processos sociais diferentes. Apesar deste não ser o tipo de acontecimento que as autoridades americanas quisessem comemorar no décimo aniversário, as experiências deformadas ou inacabadas da luta de classes não desapareceram da memória dos seus protagonistas. O episódio sangrento de Los Angeles juntou ingredientes que não deixarão de se manifestar novamente quando houver uma ou outra injustiça flagrante. Mas ninguém pode prever o que brotará das futuras revoltas urbanas. A única certeza é que a grande burguesia se prepara minuciosamente para um estado de guerra civil, reforçando a repressão policial e seu arsenal judicial, colocando as diferentes componentes da população umas contra as outras e, sobretudo, atomizando e enfraquecendo ao máximo a classe trabalhadora.

A ofensiva da burguesia americana contra seu próprio proletariado

Há 25 anos a realidade primeira da luta de classes nos Estados Unidos é a potência e a coerência da ofensiva da classe dirigente contra a dos trabalhadores. Em 2001, o sociólogo americano Rick Fantasia, de modo significativo e sem exagero, pôde intitular o estudo sobre esta ofensiva de *A ditadura sobre o proletariado*. Esse estudo mostra como os patrões alugaram a taxas exorbitantes todo um exército de empresas de consultoria para erradicar o máximo de sindicatos e para ajudá-los a substituir os trabalhadores que estavam em greve. Essa ofensiva profunda e de longa duração foi vitoriosa. Ela é fator explicativo dos pretendidos milagres realizados pelo “crescimento da economia americana” ao longo dos anos oitenta.

A supressão de um sindicato numa empresa teve três efeitos para o empregador: 1) as defesas dos trabalhadores se enfraqueceram consideravelmente e as greves tiveram mais ainda um caráter ilegal; 2) os patrões não têm mais de suportar o custo e os inconvenientes ligados à existência de contratos e à sua renegociação; 3) uma empresa sem sindicatos atrai mais facilmente os investimentos.

O democrata Carter inaugurou, em 1977, a primeira reforma fiscal e regressiva em benefício dos mais ricos, assim como o congelamento dos gastos sociais. Os outros o seguiram. O republicano Reagan preparou o desmantelamento do amparo social e foi o democrata Clinton que o realizou em 1996. Essa “reforma” obrigou qualquer pessoa a aceitar qualquer tipo de trabalho. Em todas as outras áreas relativas às classes populares, como as aposentadorias, os seguros desempregos, os custos com saúde ou gastos com escolaridade, todas as conquistas e garantias dos trabalhadores foram progressivamente destruídas. Essa destruição foi planejada por “auditores” reacionários (os *think thank*) pagos por grandes empresas.

O *big business* ganhou a aposta. Com uma mão-de-obra cada vez mais flexível, precarizada, desnuda de qualquer rede de proteção, foi possível para os capitalistas reerguer suas taxas de lucro. Os progressos tecnológicos foram associados a formas de exploração clássicas e até mesmo arcaicas. O taylorismo jamais conheceu tal extensão ao conjunto dos setores industriais e dos serviços. O sucesso das “livres” empresas concorrentes da *high tech* na Silicon Valley confiou nos investimentos massivos do Estado em termos de financiamento em pesquisa e no ensino, e na compra de seus produtos (Fligstein: 2001). Outro pilar dessa *success story* foi o emprego em grande escala de uma mão-de-obra mal paga, pouco qualificada, submetendo-se a ritmos de trabalho extremamente rápidos e sendo obrigada a respirar produtos tóxicos.

O impulso das cadeias de *fast food* corresponde à entrada massiva das mulheres na esfera produtiva ao longo dos anos setenta. O trabalho das mulheres era indispensável para compensar a perda de poder aquisitivo de seus lares e não mais lhes deixavam a possibilidade de preparar todas as refeições para a família. Uma empresa como a Mc Donald’s lançou-se nessa brecha, propondo uma comida padronizada, servida rapidamente e com um preço relativamente baixo. Para alcançar o máximo de lucros, a Mc Donald’s recorreu, como em seguida todas as outras cadeias de *fast food*, a uma mão-de-obra suscetível de ser formada em um tempo recorde e de ser dispensada mais rapidamente ainda. Inúmeros dentre eles são jovens entre apenas 14 e 17 anos, o que, desde os anos 70, é permitido por lei¹⁰. O sucesso fulgurante da Mc Donald’s nos Estados Unidos, em grande parte, deve-se ao fato de que 80% de sua mão-de-obra são de tempo parcial e 100% dos trabalhadores são não-sindicalizados. Nas usinas e matadouros atuais, a mão-de-obra é majoritariamente latina. Os braços e dedos cortados são muito frequentes. Dezenas de trabalhadores também são decapitados ou triturados pelas máquinas,

¹⁰ Entre 13 e 16 anos, é necessária a autorização dos pais.

como revela a apaixonante pesquisa do jornalista Eric Schlosser, chamada *Fast food Nation* (2002)¹¹.

As formas de exploração mais odiosas proliferam igualmente no setor do vestuário que, em 2002, contribuiu amplamente para o aumento dos lucros das grandes marcas como Gap, Nike ou Donna Karan.

As lutas, os assalariados, o Estado e a burocracia sindical

Em escala nacional, em média, não há mais que 13,5% de trabalhadores sindicalizados, ou seja, uma diminuição de 20% em vinte anos. No setor privado, os sindicalizados não ultrapassam os 9%. Na agricultura eles são apenas 2%. As estatísticas oficiais das greves só consideram aquelas com mais de 1000 assalariados. Nestas bases, elas são dez vezes menos numerosas hoje do que há trinta anos. Houve 424, em 1974; 187 em 1980 e apenas 29 em 2001.

Os trabalhadores tiveram sistematicamente contra eles os burocratas sindicais. Foram inúmeros os esforços para constituir equipes sindicais de permuta, combativas e independentes da burocracia e da máfia. Porém, salvo em combates setoriais, locais ou regionais, esses esforços militantes não conseguiram modificar a situação geral. A greve mais importante, que marcou o último decênio, estourou durante o verão de 1997. Ela atingiu os 185.000 trabalhadores do UPS (*United Parcel Service*), o gigante da distribuição de encomendas a domicílio¹². Esta greve foi organizada pelo sindicato dos transportes, a *International Brotherhood of Teamsters*. Foi o movimento mais importante que questionou o trabalho temporário e os empregos em tempo parcial. A greve, que contava com grande popularidade no país, foi em parte vitoriosa. Mas os trabalhadores da UPS não puderam ampliar essa tentativa por causa das manobras do Estado, com a cumplicidade dos burocratas dos Teamsters. Estes queriam se livrar do líder dos Teamsters, Don Carey, e conter a influência da tendência de esquerda do sindicato, a TDU (*Teamster for a Democratic Union*). Carey que havia sido eleito em 1996, foi barrado e proibido de ser representado pelo Ministério da Justiça. A decisão interveio, como um mero acaso, três dias depois do vitorioso final da greve! Para o grande alívio do patronato dos transportes, James Hoffa Junior pôde tomar as rédeas da direção dos Teamsters.

A burocracia sindical americana forma uma equipe com o Partido Democrata desde os anos trinta. A AFL-CIO é um dos grandes colaboradores nas campanhas desse partido. Apesar dos oito anos de ataques de Bill Clinton contra as classes populares, a AFL-CIO transferiu 46 milhões de dólares para a campanha de Al Gore, em 2000. Esta cotização sindical para os inimigos da classe operária, se comparada à de 1996, aumentou em dez milhões. O obstáculo da burocracia da AFL-CIO é considerável, sobretudo porque esse aparelho compartilha freqüentemente o ponto de vista do patronato em matéria de protecionismo dos produtos “made in the USA” ou contra a intrusão da mão-de-obra imigrante. Nesse terreno, a AFL-CIO evoluiu, em parte, sob a pressão de

¹¹ Sobre as condições de trabalho, ler principalmente o capítulo 8: “The most dangerous job”.

¹² A análise deste movimento foi feita no calor dos acontecimentos por Udry (1997).

greves de operários agrícolas organizados na *United Farm Workers* ou das mobilizações dos *janitors*, notadamente na Califórnia¹³. A burocracia sindical percebeu que lhe seria benéfico acompanhar o movimento de sindicalização dos imigrantes para preencher os efetivos e encher os cofres, e para retomar a influência sobre a classe operária.

Ante o conjunto de obstáculos com os quais se confrontam os trabalhadores, torna-se ainda mais curioso constatar sua determinação em um certo número de greves bastante difíceis de conduzir. Por exemplo, no final de novembro e início de dezembro de 2001, professores de uma cidade de Nova Jersey, contrariados com suas más condições de trabalho e má remuneração, decidiram fazer greve apesar dessa função os proibirem. As autoridades quebraram o movimento prendendo, durante vários dias, 228 professores grevistas.

A “classe média”: presa da crise

Para compreender como a grande burguesia conseguiu conduzir vitoriosamente sua ofensiva contra a classe operária, sem provocar grandes movimentos sociais, é preciso ter em mente a pressão exercida pela “classe média” ao longo deste período. As aspas que colocamos na designação desse importante conjunto social nos Estados Unidos visam simplesmente a sublinhar sua heterogeneidade em vários aspectos. O componente anglo-saxônico é, de longe, o mais importante. Mas, existe também uma parte minoritária da população negra que se integrou a essa classe ao longo dos anos setenta, além de, nos últimos vinte anos, frações hispânica, asiática e até ameríndia. As camadas superiores dessa classe média são próximas do grande capital, mas as camadas inferiores distinguem-se pouco das camadas melhores pagas da classe operária.

A existência de uma classe média numerosa, que teve, durante mais de dez anos, oportunidades de enriquecimento e de consumo excepcionais, funcionou como um forte fator de estabilidade. Ela adquiriu ações e participou da euforia das bolsas de valores do final do século XX. A embriaguez da especulação atraiu, inclusive, parte dos trabalhadores que tinham remuneração suficiente para adquirir ações. Dezenas de milhões de americanos fizeram abundantes empréstimos sem que se sentissem endividados, pois suas rendas investidas nas ações estavam freqüentemente em alta. Segundo Robert Reich, ex-ministro do Trabalho de Clinton, 50% dos lares se tornaram acionistas ao longo dos anos 90. A maioria era de apenas minúsculos acionistas, e pode-se dizer que a classe média se retraiu e se endividou consideravelmente nos últimos anos. O número de declarações de falência pessoal aumentou 400% entre 1979 e 1997. Desde então, esta tendência só piorou. Passam muito bem as empresas pagas pelos bancos para recuperar, por falta de pagamento, sem ordem judicial carros, móveis ou computadores.

Assistiu-se a uma curvatura de várias redes sociais. O medo da perda do emprego e da falência pessoal alimentou várias formas de ansiedade. A mobilidade e a brutalidade dos movimentos dos capitais atingem todas as classes

¹³ O filme *Pão e Rosas*, de Ken Loach, descreve uma das lutas dos *janitors* de Los Angeles.

sociais e alimentam o medo dos outros e o medo do amanhã. Estes medos se traduzem por diversas patologias, violências incontroladas, uso de drogas, obesidade, antidepressivos, “medicamentos” para acalmar o nervosismo das crianças e adolescentes, etc. Num outro terreno, o desespero na pequena burguesia arruinada ou em certas camadas da classe operária branca pode fornecer tropas ainda maiores às milícias de tipo fascista, tais como a Ku Klux Klan e as 500 organizações do mesmo gênero que existem atualmente nos Estados Unidos. É um dos maiores trunfos que resta nas mãos do *big business*, no caso de uma retomada do movimento operário.

O crescimento dos *homeless* e dos *working poors*

Este contexto do “cada um por si e o deus dólar para todos” agravou a desmoralização e o isolamento daqueles deixados por conta do crescimento, os *homeless* (os sem-teto), os desempregados, os trabalhadores precarizados ou os de tempo parcial. A população afro-americana é a principal entre as categorias sociais mais exploradas e mais esmagadas pela pobreza e humilhação. O romance de McCann (1998) fornece um quadro interessante da passagem do status de proletário ao de sem-trabalho e de sem-teto.

Os *working poors* (os pobres com trabalho) ficaram não somente à margem das oportunidades das bolsas de valores, mas suas condições de vida foram terrivelmente degradadas. Esses trabalhadores têm, num mesmo, dia três, quatro, ou até cinco, empregos parciais. Alguns trabalhadores chegam a fazer 80 horas por semana, sem um único dia de repouso. Em um documentário, feito em 1998, alguns *working poors* testemunhavam que: “Na América, quando se terminou de trabalhar, só se é bom para o cemitério”. Um deles havia trabalhado arduamente em período integral durante dez anos. Seu patrão o colocou brutalmente em regime parcial para não ter mais que pagar os encargos sociais. Este trabalhador perdeu automaticamente tudo, suas férias e sua aposentadoria.

É necessário colocar nuances, sobretudo regionais e mesmo locais, a este rápido quadro. Alguns membros da pequena ou média burguesia foram arruinados ou postos em dificuldades pelo desaparecimento de atividades industriais locais, sem poder retomar o *status quo* onde quer que seja¹⁴. Em alguns condados do Middle West onde os pequenos agricultores naufragaram e as atividades industriais desapareceram, as usinas foram substituídas por cassinos e outras atividades turísticas. A admissão no setor de serviços foi relançada e inúmeros comerciantes são prósperos¹⁵. Porém, neste mesmo Middle West, redes ferroviárias julgadas não-rentáveis foram desmanteladas. A uma hora de carro de Chicago, existem zonas de miséria, isoladas geograficamente, onde não há nem trabalho nem meios de transporte, onde famílias vivem em barracos de madeira e sem água encanada.

A reportagem do *New York Times*, do dia 06 de outubro de 2002, sobre uma família negra da região de Pembroke é eloqüente. Relata que uma mãe e seus cinco filhos devem viver com somente 450 dólares em vale-refeição, o que

¹⁴ Ver a este respeito o romance de Russo (2002), cuja trama se desenvolve em Maine.

¹⁵ Ver reportagem do *New York Times* de 26 de maio de 2002.

permite apenas uma refeição por dia, mas, por outro lado, ela tem de pagar um aluguel de 125 dólares. Esta mãe não recebe nada do governo em virtude da decisão, tomada por Clinton em 1996, que retira a cesta básica dos indivíduos “com boa saúde” para obrigá-los a aceitar qualquer trabalho. Esta mãe faz parte dos 32,9 milhões de cidadãos americanos que vivem oficialmente na pobreza; dentre estes, há 11,7 milhões com menos de dezoito anos. Mesmo querendo trabalhar, mas sendo impossibilitada de encontrar um contrato, ela faz parte daqueles milhões de americanos que não são oficialmente contabilizados como desempregados. Apesar das manobras que os eliminam das estatísticas, o número oficial de desempregados aumentou em dois milhões nos dois últimos anos e chega atualmente a 6% da população ativa. Ao longo da década de 90, inúmeros trabalhadores viviam períodos de alternância entre desemprego e pequenos bicos mal pagos. No presente, eles já somam 5,4 milhões a receber uma aposentadoria por invalidez, ou seja, um número que dobrou desde 1990. Hoje, 41 milhões de americanos não têm seguridade social. O seguro-desemprego só atinge um terço dos que perdem seus empregos. Quarenta milhões de americanos não têm água potável.

Perda de confiança no sistema e tomada de consciência

A onda de demissões havia começado nove meses antes do 11 de setembro. Porém, o tempo das grandes falências e, conseqüentemente, de nova grande onda de demissões, chegou em 2002 com a queda das companhias aéreas, Enron, Tyco, Anderson, WorldCom, etc. Na atmosfera do atentado de 11 de setembro, as companhias aéreas anunciaram dezenas de milhares de demissões, ao mesmo tempo em que embolsavam as substantivas “ajudas” do Estado Federal. A United Airlines exigia que o pessoal que ela ainda não havia demitido aceitasse importantes diminuições de salários para os próximos seis anos. A WorldCom, a maior empresa de toda a história do capitalismo americano, anunciou 17.000 supressões de empregos ao mesmo tempo em que declarava sua falência. A Enron deu exatamente um prazo de duas horas para que 4.500 pessoas deixassem a sua sede em Houston; forneceu uma caixa de papelão para que cada uma delas colocasse seus objetos pessoais e deixou obscura a questão bastante aleatória referente às indenizações.

Os demitidos de que falamos tinham, em sua maioria, um bom salário e um certo número de *stock-options* cujo valor virou fumaça. O caso de uma ex-funcionária da WorldCom entrevistada por um jornalista do *New York Times* é edificante: “eu pensava estar no mesmo patamar que Bernie Ebbers [diretor geral], na ponta do progresso tecnológico. Trabalhava muito e, para mim, as demissões só aconteciam com os outros”. Em julho de 2002, ela perdeu seu emprego, seus 1.600 *stock-options* que não valem mais nada e, para fechar com chave de ouro, não terá nenhuma indenização e seu fundo de pensão constituído de ações WorldCom não tem mais valor algum. A esta altura, a funcionária lamenta amargamente a ausência de um sindicato na WorldCom.

A atitude no tocante à sindicalização está mudando. O que poderia aparecer como inútil, torna-se uma necessidade imperativa para encarar as agressões patronais devastadoras. A evolução social atual sugere que os maiores

dilaceramentos sociais ainda não aconteceram. Uma alteração política em vasta escala e com base nas idéias de emancipação dos trabalhadores ainda não pôde vir à luz. Mas, é a partir do estudo minucioso da história, evocada rapidamente, que o proletariado escreverá uma nova página. Com uma nova geração militante inspirando-se no que há de melhor das experiências passadas.

As duas Américas face ao declínio do imperialismo

As medidas do *New Deal* de Roosevelt para salvar os interesses gerais do grande capital americano, ao mesmo tempo em que desmantelava o caráter ameaçador do movimento operário dos anos trinta, foram logo seguidas por um *War Deal*; o “trunfo de guerra” preparava o imperialismo americano para se engajar na Segunda Guerra Mundial. Sem precisar da fase de um novo *New Deal*, George W. Bush passou a um novo *War Deal* com uma série de medidas econômicas em favor do setor bélico e de medidas sociais e jurídicas colocando na população americana as algemas do “patriotismo”. Ele lançou mão dos discursos de guerra, preparando a opinião pública para um estado de guerra permanente e adotou uma série de disposições legislativas repressoras¹⁶. Porém, não está dado que a classe operária, que já sofreu golpes severos, se deixe aprisionar; também não está dado que a “dona de casa”, aquela que os meios de comunicação chamam tradicionalmente de “soldado Smith”, mantenha o fôlego para continuar consumindo e se endividando mais do que já faz atualmente.

No tocante à economia mundial, os Estados Unidos estão numa situação de predador e de dependente: precisam de fluxo de capitais de cerca de um bilhão de dólares por dia para financiar o déficit comercial. Assim, a corrida da administração Bush para o Iraque ou outras destinações é estimulada pelas contradições do capitalismo americano em que empresas e o Estado atingem níveis vertiginosos de endividamento. Isto sinaliza do que a primeira potência imperialista é capaz para se apossar das riquezas e dos mercados mundiais.

Duas Américas estarão novamente face a face no futuro, a exemplo daquelas evocadas em um outro contexto, em 1948, por James P. Cannon:

Uma é a América dos imperialistas da pequena corja de capitalistas, de proprietários fundiários e de militares que ameaçam e inquietam o mundo. É a América que os povos do mundo temem e detestam. Há uma outra América, a dos operários, dos pequenos agricultores e das ‘gentes simples’. Estes constituem a ampla maioria da população. Fazem o trabalho necessário ao país. Mantêm suas antigas tradições democráticas, sua história de amizade antiga com os povos de outros países, das lutas contra os reis e os tiranos, o asilo generoso que a América dava outrora aos oprimidos.

O desenvolvimento da luta de classes nos Estados Unidos mostrará se esses propósitos se tornarão atuais. Se este fosse o caso, permitiriam oferecer uma saída positiva para a crise do sistema capitalista. Permitiriam retirar o poder das classes mais perigosas para a humanidade: as burguesias imperialistas européias, japonesa e americana.

¹⁶ Sobre este assunto, ler os textos de intelectuais americanos de esquerda (Collectif: 2002), apresentados por Daniel Bensaid, Sebastian Budger e Eustache Kouvélakis.

Bibliografia

- CANNON, J. P. (1980). *The first ten years of American Communism*. New York: Pathfinder Press.
- COLLECTIF (2002). *L'Autre Amérique. Les Américains contre l'état de guerre*. Paris: Textuel.
- DAVIS, M. (2000). *City of quartz: Los Angeles, capitale du futur*. Paris: La Découverte.
- DOBBS, F. (1981a). *Teamster rebellion*. New York: Pathfinder.
- _____. (1981b). *Teamster power*. New York: Pathfinder.
- FANTASIA, R. (2001). "La dictature sur le prolétariat: stratégies de répression et travail aux États-Unis". *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n°138.
- FLIGSTEIN, N. (2001). "Le mythe du marché". *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n°. 139.
- FLYNN, E. G. (1976). *The rebel girl, my first life (1906-1926)*. New York: Publisher.
- GUÉRIN, Daniel (1968). *Le mouvement ouvrier aux États-Unis 1867-1967*. Paris: Maspero.
- _____. (1973). *De l'oncle Tom aux Panthères: le drame des noirs américains*. Paris: Éditions 10/18.
- HAYWOOD, Bill (1974). *The autobiography of Big Bill Haywood*. New York: Publishers.
- _____. (1985). *Solidarity forever: an oral history of the IWW*. New York: Lake View Press.
- JACKSON, J. A. (2001). *Go by go*. Paris: Gallimard Série Noire.
- JONES, M. (1977). *Autobiographie*. Paris: François Maspero.
- MCCANN, C. (1998). *Les saisons de la nuit*. Paris: Éditions 10/18.
- PREIS, A. (1982). *Labor's giant step, twenty years of the CIO*. New York: Pathfinder.
- RUSSO, R. (2002). *Le déclin de l'empire Whiting*. Paris: Quai Voltaire.
- SCHLOSSER, E. (2002). *Nation fast food*. New York: HarperCollins.
- UDRY, C.-A. (1997). "Les travailleurs sont de retour". *Carré Rouge*, n°. 6.
- WACQUANT, L. (1999). *Les prisons de la misère*. Paris: Raison d'Agir.
- _____. (2001). "Symbiose fatale: quand ghetto et prison se ressemblent et s'assemblent". *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n°. 139.